



Espaços e ocupação indígena na América Latina

Os primeiros ocupantes de todo o continente americano foram os povos originários, que aqui construíram as suas vidas e as suas relações com o espaço. Posteriormente, com a vinda dos europeus (principalmente espanhóis e portugueses) para a América Latina, estas populações, que já ocupavam o continente, foram perdendo suas terras em disputas violentas que, em cinco séculos, resultaram em uma diminuição de 90% do número de indígenas.

Devemos, contudo, ter a consciência de que os povos originários não estão extintos! Eles resistem e continuam sua luta para manterem as suas terras, inclusive nas cidades, dos diferentes países latino-americanos. As comunidades indígenas, buscando sobreviver e manter a sua cultura, estabelecem novas relações com o espaço e as outras culturas latino-americanas. É importante tentarmos responder a uma pergunta bem simples: e nós, buscamos entender as visões de mundo dos povos originários?

A seguir, selecionamos trechos escritos pelo pajé¹ Kaka Werá Jecupé, um indígena guarani que luta para manter o seu território na Cidade de São Paulo, local da sua terra ancestral. Após essa leitura, assista o vídeo “Kunumi MC – o rapper indígena que faz versos sobre demarcação de terra” em sala de aula.

A sagrada trilha nos levou ao litoral. Aldeia de Peruíbe. Das noites cintilantes. Épocas em que eu descia o rio Perequê caudalosamente negro, onde cada batida do remo nas águas brilhava para a luz, mesmo em tempos sem lua. Até hoje me intriga muito; baldeava o rio com a minha mão para ver aquela luz.

-É ardentia – ecoava a voz do velho pescador Tujá-i. Baldeava. Luzia. As vezes pegava carona no rabo da canoa que transportava os peixes e os artesanatos para serem vendidos lá embaixo, no centro de Peruíbe, no fim do rio. Até agora fico dourando-me ao sol nesse rio na minha lembrança. Pelas aldeias do litoral, ouvia histórias de séculos, ouvia tristes cantigas guaranis, rememorando descaminhos.

Um labirinto de saudades que os caciques contavam. Da terra sem males. Presa em migalhas nas bocas guaranis, guardada na memória dos anciões. Largados ao sol. Pitando o passado no silêncio. Apreendi o trajeto da busca. Cada trilha. Cada pausa. Cada sim e cada não. Cada razão e cada desmoronamento. Morei entre seres cansados de busca. Fui triste.

Um guerreiro não é derrotado quando morre em luta. Ele é derrotado quando desiste.

As trilhas nos levaram de volta à proximidade dos guaranis de São Paulo, dessa vez na aldeia Morro da Saudade, do cacique e seu centenário pai Tiramãe pajé Gwirá-Pepó e de Tujá, o mais antigo dos antigos ali. Chegamos atraídos pelos cantos de reverência aos seres da mata, que faziam uma luz diferente naquela aldeia, expressando esperança. Era muito viva a força espiritual de Gwirá-Pepó. A vila é dividida da civilização pela barragem da represa. Por isso também conhecida como aldeia da Barragem: onde de um lado um povo insiste em

cantar com seus instrumentos sagrados, mbaracás e taquapús (a percurssão do homem e a percussão da mulher), protegidos pela bruma atlântica que caía sempre no final da tarde. Do outro lado uma cidade de espaços, ritmos e tempos estilizados, onde custávamos a compreender seus pedaços, seus cantos elétricos, seus rumos, mesmo os céus de néon que lhe firmara ocultando as cinzas nuvens. Com o tempo, passei a andar pelas largas trilhas da cidade chamada avenidas. Percorri suas florestas de aço e comi de seus frutos artificiais para descobrir os brasis. No asfalto por onde andei, se plantando nada dá. Provei do bom e provei do ruim.

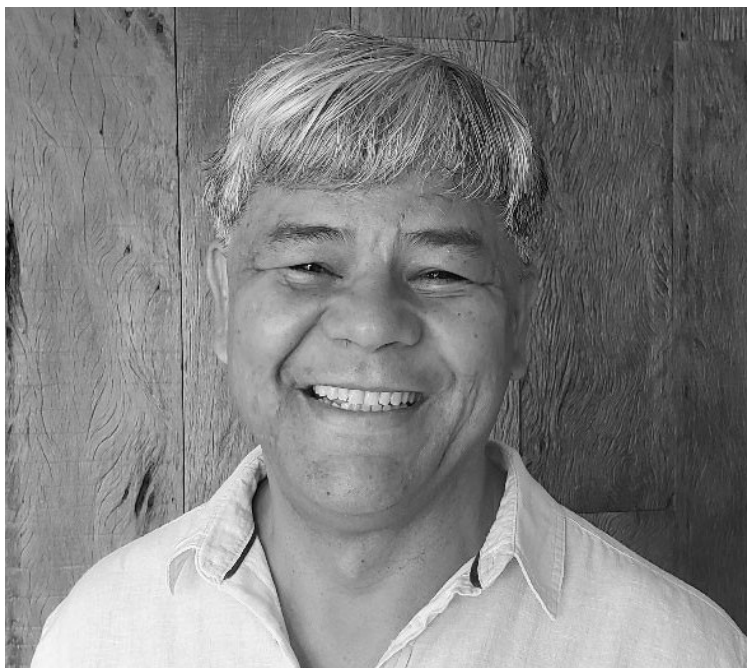
Descobri que na cidade havia guerreiros que lutavam pela preservação da Mata Atlântica e pela despoluição das represas Guarapiranga e Billings, as duas que nos afetavam diretamente. Fui colhendo informações do processo de envenenamento das águas. E, quanto mais eu aprendia, menos eu entendia como a civilização se permitia viver daquela maneira. Fazendo os rios correrem contrário de si. Com isso, ao invés de fluírem vida, passando a fluir morte. Assim é o rio Pinheiros que circula a cidade. Que forma a represa, que recebe o lixo industrial, em toneladas, e que chega na aldeia em forma de água morta. Esses verdes guerreiros da metrópole dedicavam-se a ensinar o perigo que isso representava inclusive à própria população que se inchava em vilas em torno dessas águas. Foi assim que adolesci. Vi apodrecer a água que nos banhava. Vi sumirem as aves que adornavam a arte guarani. Vi rasgarem a terra com dentes de aço para romper estradas e delimitar propriedades dentro de sítios sagrados guarani. Vi a roça ficando escassa para o cultivo de alimento. E, quando os guaranis precisaram descer a aldeia Morro da Saudade para trocar o seu artesanato pelo que comer, vi pagarem esmolas e ouvi a expressão:

-Sujos, nem banho tomam.

Enquanto os taquapús e os mbaracás permanentemente rezavam agudos cantos pela Mãe Maior. Enquanto o sol diariamente nos dava o ouro de sua força e calor. E nossas crianças espantavam toda manhã os maus espíritos que tentavam nos destruir com a alegria da liberdade disfarçada em nossas milenares brincadeiras. O fundamental era mantermos o espírito forte na oca do coração.

Porém, havia, de quando em quando, intrusos que, inclusive sem ter consciência, tentavam matar nosso espírito.

Foto de Kaká Werá,



Glossário

Terra Indígena é uma porção do território nacional, a qual após regular processo administrativo de demarcação é habitada por um ou mais comunidades indígenas, utilizada por estes em suas atividades produtivas, culturais, bem-estar e reprodução física.

Adaptado de: JECUPÉ, Kaka Werá. **Oré Até roiru'a ma** - todas as vezes que dissemos adeus. São Paulo: Fundação Phytoervas, 2002.